

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência particular de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 1 de Julho de 1948

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
No 4

Do alto do Pernidele

Melgaço e o Turismo

Nós, os melgacenses, habitamos uma região fadada de horizontes tão amplos e perspectivas tão soberbas que parece ter dado muito trabalho à natureza para a beneficiar assim.

Sei admirá-la em silêncio, mas temo profaná-la com minha linguagem pobre e descolorida.

Como é surpreendente maravilhoso um passeio a S. Gregório! A paisagem bela, os retalhos de terra encantadora, a cobra do rio serpenteando com tanta graça, despertam tal curiosidade e interesse, produzem tão profunda impressão, que a gente logo fica com vontade de repetir o passeio.

Os mosteiros de Fiães e Paderne, Castro Laboreiro com as ruínas de seu velho castelo e um povo depositário de costumes tradicionais, as romarias tão características do nosso Minho alegre e folgazão, tanta coisa que por aí há mal conhecida, essas freguesias além, tudo isto há de forçosamente concorrer para que o turista que conheça Melgaço bem diga da sua passagem por este recanto do Alto-Minho.

Não obstante a fama das suas milagrosas águas do Peso, seus históricos monumentos e encantadoras paisagens, seus costumes típicos, suas frutas, seus vinhos e presuntos afamados, Melgaço é, por assim dizer, uma terra quasi desconhecida.

É mister intensa propaganda.

Temos a ilustre Junta do Turismo do Peso e julgamos que bem procederia mandando afixar cartazes pelas grandes cidades e estações ferroviárias com a legenda VISITE MELGAÇO.

Esses cartazes ilustrados com motivos regionais atrairiam a atenção do grande público sobre a nossa querida terra. Mo-

tivos para esses cartazes temo-los em abundancia, tais como a típica figura de uma castreja (que as há lindas e belas em Castro) com seus trajes característicos e regionais, os velhos mosteiros de Fiães e Paderne, a arquiseccular capela da Orada, a nossa altaneira torre de menagem, trechos escolhidos de paisagens rurais etc.

É claro que para tudo isto se quer dinheiro.

Por certo que os 3 oje que a dita Junta de Turismo cobra nos hotéis não lhe darão muita folga

para além das despesas com a iluminação da estância, mas compreende-se que aumentando o movimento turístico aumentaria automaticamente essa receita.

Para tudo se precisa um pouquinho de sacrificio e uns posinhos de boa vontade a temperar.

Porque não organizar-se uma Liga aos amigos de Melgaço ou coisa semelhante que oriente a propaganda da nossa terra?

(Continua na 4.ª página)

Dom Domingos Ja Silva Gonçalves

Sua Santidade o Papa Pio XII, acaba de nomear bispo coadjutor da diocese da Guarda o Monsenhor Domingos da Silva Gonçalves, Director das Oficinas de São José de Guimarães e de várias obras arquidiocesanas.

«A VOZ DE MELGAÇO» saudava o venerando Prelado, que à causa da Igreja tem dado o melhor de toda a sua longa vida.

Pelas suas mãos de educador moderno, passaram milhares de rapazes pobrezinhos, sobretudo da cidade de Guimarães, que o então P. Domingos internava nas suas Oficinas, alimentava, ensinava e preparava para a vida...

Foi um grande MISSIONARIO que atravessou a nossa arquidiocese de lés a lés, sendo raros os pulpitos, a que não subisse

A sua voz, quente e comovida, era para todos um alto incentivo para as coisas de Deus. Ouvia-se sempre com muito agrado, embora os trabalhos apostólicos por vezes o fôrçassem a falar durante longas horas.

Muitas das grandes obras diocesanas devem-lhe altos serviços, e algumas delas não seriam hoje nada se não fosse a intrepidez e coragem do Sr. P. Domingos Gonçalves, como então era conhecido.

O nosso Congresso Eucarístico deve-lhe muito.

Quer na grande vigília do dia eucarístico, quer no dia seguinte, ao microfone, essa grande figura de apóstolo, que agora a nossa Diocese perde, foi a alma e a vida de toda aquela devoção e respeito.

E quando no final lhe pediamos nos aceitasse uma oferta, como lembrança de tanto trabalho, aqui realizado, o P. Domingos recusou terminantemente.

Na verdade, a Arquidiocese perde uma das suas primeiras figuras.

A Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Dom Domingos, a nossa mais viva e respeitosa homenagem e gratidão, com os votos sinceros de que Deus reserve ao inclito Prelado ainda longa vida, para maior fruto na Messe de Deus.

PADRE CARLOS VAZ

DUAS CARTAS

Melgaço, 25 de Junho de 1948.

Ex.º Sr. Director de «A Voz de Melgaço» — Melgaço

No muito apreciado jornal que V. Ex.ª dirige e de que gostosamente sou assinante, número de 15 do corrente, encontrei-se uma local, sob a epigrafe «Escolas de Prado», na qual são feitos reparos que carecem ser esclarecidos para não induzirem em erro.

Poco, pois, a V. Ex.ª se cigne publicar estas linhas para esclarecer o assunto. Se fazemos este pedido é por sabermos que da parte do autor da local não houve, certamente, intenção de melindrar, mas sim desorientar, com as construções desportivas e o mais que se passou quanto ao edificio visado.

Assim, vou expor o que há sobre o caso:

Há anos, uma comissão constituída por mim e outros indivíduos, angariou donativos para construir, na referida freguesia, um edificio escolar, — aspiração muito antiga da respectiva população.

Com o produto da subscrição comprou-se um pedaço de terreno e procedeu-se à construção do edificio, para uma só sala de aula, como estava assente superiormente, tipo «Alto Minho» e segundo o plano official dos «Centenários».

Devemos esclarecer que nunca pensamos concluir, com o produto de subscrições, a obra iniciada, pensando, no entanto, fazer o que podessemos e entregar a obra à Câmara Municipal ou ao Estado, para ser concluída.

Assim foi. Quando a construção de pedreiro estava quase concluída, pedimos à Câmara Municipal para concluir a obra e então a Câmara pediu ao Estado a sua comparticipação, o que foi conseguido.

Passados um ou dois anos, quando o local foi visitado pelos engenheiros dos Edificios e Monumentos Nacionais, verificou-se que era o mais central e melhor para se assentar o edificio, mas que a parte já construída tinha de ser demolida porque a plania do «Plano dos Centenários» sofrera alterações e ainda porque, durante aqueles dois anos, fora determinado, também superiormente, que o edificio para as escolas de Prado fosse para duas salas de aula!

Só assim o Estado comparticiparia a obra.

As construções segundo o «Plano dos Centenários», para uma ou duas salas de aula, são feitas sem primeiro andar — as salas são ao rez do chão.

Acontece, porém, que o terreno não é de molde a nele poder construir-se um edificio, para duas salas, segundo o Plano visto para o lado sul ser em plano muito inferior, que só poderia ser utilizado gastando-se uma ou mais centenas de contos.

E por que o local é o mais central da freguesia e o que me-

lhores condições oferece em salubridade, movemos influências para que, excepcionalmente, fosse construído o edificio com rez do chão e primeiro andar.

Conseguimos que nos Monumentos Nacionais elaborassem plania própria e que superiormente a aprovassem e é esta a plania da construção actual — feita só por quem a podia fazer.

Demoliu-se o que já estava feito, vendeu-se a pedreira e o dinheiro está à ordem da Junta de Freguesia para compra de mais terreno, — o que faça falta, visto o primeiro adquirido ser insufficiente e a importância que sobrar será aplicada em melhoramentos na freguesia.

Nós sabemos que, à primeira vista, aquillo nos parece mal, embora a construção seja boa. Estamos, neste ponto, de acordo com o autor da local; porém, o que este não sabe é que estas construções obedecem a regras higienicas e pedagogicas superiormente determinadas, sem o que... nada feito.

O edificio está orientado e tem as luzes para nascente-sul. E' assim e só assim que é permitido.

Pelo lado da estrada, sul-ponte, para ser visto por quem vai ou vem do Peso, não pode ter a frente e não tem acesso sem voltar o terreno. Terá, para esse lado, um dos alpendres.

O edificio está a construir-se como superiormente está determinado, após como está determinado para as centenas de edificios escolares construídos e a construir no País.

Higiene, sol, luz, estética e estilo regional, tudo isto, está superiormente previsto e nós só temos que obedecer.

De resto, os serviços do Estado, quando assim determinam, sabem bem as razões, as quais muitas vezes fogem à nossa compreensão porque não somos médicos escolares nem engenheiros da especialidade.

Posto isto, apresento a V. Ex.ª os meus agradecimentos apresentados e os protestos da maior estima e consideração.

Herculano S. Pinheiro

Meu Ex.º Amigo e Presado Padre Júlio Vaz

Em «A Voz de Melgaço» de 15 do corrente, jornal de que o meu Ex.º Amigo é muito intelligente Director sob titulo «Do Alto do Pernidele» e subscrito por «Mário», encontra-se um artigo no qual entre várias considerações, conselhos e sugestões se lê a seguinte prosa... «Vós me direis ainda que no tempo do sempre chorado Hermenegildo Solheiro não havia dificuldades, que tudo se fazia, etc., etc.. Realmente não. Não o podemos negar. Mas — há sempre um mas — com dinheiro emprestado e não justamente os encargos criados por

(Continuação da 3.ª página)

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

PELA VILAS. Gregório Rouças, 23

Notícias da quinzena

Aqui, como em toda a parte, faz um calor abrasador, acompanhado de vento seco.

As obras da Calçada, ainda que lentamente, aproximam-se do termo. Pelo que se está a ver, deve ficar obra perfeita.

Pena é que os particulares, na medida das posses, não se resolvam a reconstituir os prédios desmoronados.

Também era bom to que os prédios não parecessem caseiros, uns, e garagens, outros. Nesta nossa terra, tão arcaica e tão linda, ficariam bem as casas médias, de dois ou o muito três andares.

Também o nosso assinante, Sr. Kaul Cardoso, tem a sua casa, na R. Direita, quase pronta. Bem haja por fazer desapparecer dahi aquele par-deiro, que não era dele. Resolvam-se outros!

Os artistas precisam de trabalho (e a prática os fará mestres), e a Vila quer asseio.

Também foram compradas, de carpinteiro, as obras da Residência, e além disso, no dia 13 (S. António) foram inaugurados na Sacristia uns lindos e cómodos gavetões para os paramentos.

É um movel grande, elegante e com todas as comodidades para o fim a que se destina. Honra o artista e a todos quantos para ele contribuíram. Graças a Deus que a nossa terra se vai erguendo.

No dia 13 houve também numerosa comunhão de crianças e outros fiéis, missa cantada a Santo António, e de manhã o casamento da menina Jósina Benedita Cevedra com Arlindo Augusto Vilas.

Foram padrinhos o ilustrado e comerciante Sr. António Pedroso Lima e sua esposa a S.^a D. Maria Noéma da Rocha.

Ao novo casal desejamos muitas felicidades.

(Cristóval)
É possível que o leitor já pensasse, de si para si, que Cristóval morrerá ou se apagará a voz dos seus filhos mais dedicados. Mas não, não morreu nem podia ficar indiferente diante das outras freguesias, pois bem merece ser conhecida e, julgo até, que o leitor sentiria a falta das suas notícias. A vida, porém, nem sempre nos sorri e a força das circunstâncias obriga-nos muitas vezes a deixar tudo para nos deslocarmos para longe. Assim foi. A minha ausência riscou das páginas deste jornal (por algum tempo, é claro...) a minha voz. De novo, porém, leitor amigo, cá estou a falar-vos e a relatar as novas mais sensacionais que, embora atrasadas, estou certo, serão bem recebidas por vós, de quem espero a benevolência para as faltas cometidas.

No dia 13 de Maio p. p. realizou-se a festa em honra de N. S.^a do Facho. Precedida de um tríduo preparatório, subimos ao cair da tarde do dia 12, com a procissão de velas, até ao local do

Santuário. Ali vemos a capelinha de S. José, iluminada e embandeirada, e, mais acima um pouquinho, no píncaro do monte do mesmo nome, em cima de penedos, que a natureza edificou, o «Oratório» de N. S. ra, voltado para a Espanha e a dominar toda a freguesia.

No dia seguinte, o estrolejar dos foguetes de manhãzinha cedo, acordou toda a gente da freguesia, enquanto que a sineta da capelinha repicava festivamente. As onze horas, cantada pelo afamado oifeão de S. Gregório, que potentes altofalantes faziam ouvir ao longe, houve missa solene campal. No final desta, toda a gente procurava sombras para comer as apetitosas «merendas» — e que bem sabem no monte à sombra das árvores!... De tarde grande arraial abrihantado não só pelos discos dos altofalantes, mas também pela histórica banda de música dos Bombeiros Voluntários de Melgaço. Enfim... foi um mar de gente que ali veio de todas as partes! Bem haja a boa vontade dos organizadores, rapazes de S. Gregório, e seus colaboradores, a quem em nome da freguesia felicitamos pelo bom êxito.

No dia 15 do corrente, pelas onze horas, appareceu em frente a S. Gregório, no lugar da Ponte, Espanha, um «urso» que atacou um homem trabalhador. Este quis defender-se com uma forquilha, mas a fera apanhou por um braço e... mal lhe iria se não fosse um outro que estava perto que, sentindo os gritos, correu em seu auxílio. Vendo, então, o visinho a lutar com o monstro animal, começou às sacholadas a este que largou aquelle, fugindo os dois homens em seguida. Por fim, foi morto por um carabineiro que correu ao local com muito povo.

A notícia que se espalhou logo alarmou toda a gente que ocorreu a ver a

O vinho que tão lindo nascera está reduzido a muito pouco, nas nossas latadas...

—Começaram as ceifas do ceiteio nesta freguesia lembrados todos, como estamos, de «que junho foi-ce em punh!».

—Também começou o arranque do linho; que neste ano se apresenta muito bem

—O milho cresce muito, mas aqui ou acolá tem aparecido o bicho a dizimá-lo.

—Esteve em Braga, nos princípios desta quinzena, o nosso reverendo pároco.

O juiz da festa de Santa Marinha, nosso amigo, Sr. Martins de Barros, já levantou a tradicional bandeira, a anunciar a festa de Santa Marinha, que se realiza em 18 do próximo mês, solenizando o acto com a queima de alguns morteiros. A festa neste ano promete estar muito brilhante.

Já começaram na nossa igreja os trabalhos preparatórios, para sobradar o corpo da mesma.

Vários parquianos ofereceram já as suas madeiras de carvalho e outros puderam se ao inteiro dispôr de seu pároco, para que esse melhoramento não demore.

Ofereceram já madeiras os srs. Manuel Lourenço e Manuel Cardoso, da Aldeia, e António Vaz e Família de António Marques, de Ioviô, e António Loureiro, nosso estimado

(Continua na 3.^a página)

Fiaes, 28

O povo de Fiaes, f. l. do das comunicações desta freguesia, ao Sr. Ministro das Obras Públicas que se c. nstria a estrada, prometida há uns anos. Será a f. l. nssa, por ainda a não termos pedid?

No dia 11 de Julho electu-se no Convento a festa de S. Bento.

Deu à luz duas crianças no lugar da Quingria a Senhora Aurora V. z.

O. dois gémeos que são um rapaz e uma menina encontram-se bem, bem como sua mãe.

fera morta. Foi um caso excepcional, mas verdadeiro!!!

S. Pato, 20

Realizou-se no dia 27 do corrente, a festividade do milagroso apóstolo S. André, cuja capelinha se encontra num dos locais mais vistosos desta freguesia. E' d. que local que se contempla um surpreendente e deli-tante horizonte que prende todas as pessoas que lá vão.

No passado dia 14, à tardinha, faleceu, no lugar do Regueiro, o sr. Manuel Francisco Pereir. A família enviamos sentimentos pêsamos.

Pedem nos para avisar os proprietários que confinam com os caminhos públicos, de que não devem deitar água para eles, porque prejudicam e trãasito e conservação dos mesmos.

Está a notar-se muita falta de sabão. Já várias semanas têm passado sem ele ser distribuído.

Já começou a trabalhosa ceifa do ceiteio.—C.

Assinea
"VOZ DE MELGAÇO"

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercerias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas—
A máxima seriedade nas suas transacções.

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.ª JÚLIO HILÁRIO VAZ

Redacção e Administração próprias: Residência paróquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVEZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 15 de Julho de 1948

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 5

Congressos Eucarísticos

Nos dois congressos eucarísticos realizados no Alto Minho a minha atenção concentrou-se numa maneira especial nesta nota impressionante — a dignidade, a nobre altivez e desassombro com que os crentes afirmam hoje em público a sua fé religiosa.

Já não há nos sectores católicos o medo da fé doutros tempos. Vê-se que o terreno está melhor preparado para conquistas mais fáceis e vitórias mais altas. De soldados cobardes só há a esperar derrotas. Essas manifestações colectivas de multidões que adoram e cantam e rezam de luz do dia, à vista de toda a gente, é sinal evidente de que a timidez e cobardia está a succeder o entusiasmo, a paixão do ideal cristão. Sem este aquecimento central nada se pode fazer nesta hora de lutas e sacrifício.

Melhoram muito a receptividade das almas à propagação evangélica. O grão caído no meio de pedras nada produz. É semente morta. Se cai em bom terreno, transforma-se em searas. É semente viva. O fervor, o recolhimento, a religiosidade com que os crentes têm assistido a todos os actos dos congressos, a alegria transbordante que tem manifestado nos cortejos públicos, mostra-nos claramente que as grades pedradas dos respeitos humanos, dentro das quais os crentes se escondiam envergonhados e tímidos, se estão a mudar em janelas amplamente abertas ao sol dos ensinamentos cristãos. Isto já é uma conquista prometedora e vantajosa. As procissões, remate esplêndido desses congressos, transfiguram-se a meus olhos numa visão, que os tornava ainda mais belas. A suavidade dos cânticos religiosos a transformar-se na vibrante estridência de clarins de exércitos em marcha. As centenas de bandeiras flamejando ao sol dessas lindas tardes de primavera, a entrelaçarem-se, a fundirem-se numa só, muito alta e dourada pelo sol da glória, a simbolizar a unidade da fé de todos os povos e de todas as raças. As cruzes metálicas a converterem-se em cruzes vivas, a sangrarem luz, amor, sacrifício, apostolado heroico. Era a última batalha, a vitória final, o sonho de Jesus feito realidade — um só rebanho e um só pastor. Não se feriam combates de morte, mas sim de vida e de luz.

Nos campos em luta não havia derrotados, mas convertidos. Não havia sangue de vencidos, mas sangue de mártires. Os ódios e ambições a diluírem-se, a esfumarem-se na névoa dourada do amor. Nem misérrimas do corpo, nem da alma. Nunca mais a negra incerteza dum manhã sem pão, nem almas ulceradas pelo mal a escorrerem podridão. Um mundo sem negras encruilhadas, onde se preitam a tração e o crime. Por toda a parte caminhos largos, avenidas arejadas e floridas a rescenderem pureza, bondade, virtude — e lealdade.

Cada família um germinal de sentimentos nobres. Cada sociedade um agregado de inconfundíveis valores espirituais. A disciplina nas consciências. O respeito, a ordem, a honradez na vida social. Um congresso mundial. A caridade, que foi a última palpitação de Coração de Jesus e o seu adeus derradeiro, a enamorar, a prender, a fundir todos os corações. Todas as vontades fortalecidas pelo mesmo bem, todas as almas niveladas pela mesma esperança, todas as inteligências esclarecidas pela mesma verdade. Os homens caminham

[Continua na 4.ª página]

Festas no Concelho Não podemos continuar assim!!

No próximo domingo efectua-se a festa S. Maria, na vizinha freguesia de Rouças.

Sr. Ministro da Economia!
Sr. Governador Civil!

O problema dos gados continua insolúvel, o dos vinhos, ainda que recebeu uma forte ajuda do Governo, retirando das adegas milhares de pipas, continua delicado, sendo de lamentar que só o tempo mau venha a resolver em parte a questão; os produtos agrícolas não estão suficientemente valorizados.

Compramos caro e vendemos barato. Não há proporção entre o que temos de comprar e o que temos de vender.

Acompanhamos com emoção e com orgulho a grandiosa revolução que está a operar-se dentro do sector do operariado.

Não é ainda muito o que se fez, mas para as nossas posses de paiz pobre, e desorganizado, já muito se tem feito.

Os salários, os contratos de trabalho, as férias pagas, a assistência e previdência numa fase de grande progresso, o caminho aberto para as reformas dos trabalhadores, os subsídios familiares, etc., etc., são grandes realidades de hoje e que a nação deve ao Estado Novo.

Mas a grande classe da Lavoura ainda não sentiu uma ajuda substancial, profunda.

Há já algumas medidas de protecção válida a sem dúvida, mas a grande ajuda, a primeira, substancial, profunda, ainda não chegou.

A questão dos gados é básica.

Se os gados não «correm», se os gados se não vendem a preço razoável, uma das boas fontes de receita secou.

E assistimos a este estranho paradoxo: — Os gados vendem-se mal e a preço baixo, enquanto os talhos nos vendem a carne a preço relativamente muito mais alto.

Não é só o lavrador proprietário que perde, é o caseiro que nos gados tem boa fonte de receita.

Os vinhos reclamam de todos nós, lavradores, autoridades corporativas e Governo um estudo mais profundo e medidas mais actualizadas.

[Continua na 4.ª página]

O povo de Melgaço alarmou-se

No dia 9 do corrente, cerca das onze horas e meia, voou no céu de Melgaço um avião de propulsão por jacto na direcção Sul-Norte.

O facto despertou grande interesse na população do Concelho e provocou certo alarme.

O avião passou bastante alto, deixando um rasto que foi visível durante 15 minutos.

Superfluidade

Dentre os grandes males que nesta hora efemera da Humanidade se tem apoderado completamente de quase todos os povos é mister descortinar e sublinhar em que neste momento, agitado, mais de que nunca, tem sido a desgraça e a ruína — fosse ela pequena! — da geração actual que se deixa arrastar por uma cadeia colada de vícios desonestos e materialistas: a superfluidade

Assim como todas as outras ruínas materiais e espirituais tinham encon-

trado nos corações ingratos e insensíveis aos homens um refúgio, qual ferverna ignota de animais ferozes, também a antagónica do Verdadeiro Sentimento de alma vivida sob os diademas celestiais não podia deixar de procurar um recondito lugar para abrigo, quer no coração masculino, quer sobretudo, no coração feminino, donde, bem preparada e confiada, numa vitória extrema, lançaria os alicerces para uma luta corporal e espiritual individual e social.

Principiada, então, esta luta fingida e desumana, dentro em breve teve domínio o mundo inteiro. E ela continua...

Não admira nem nunca nos deve espantar, apresentam-se no cinema, jogos, salas mundanas e até igrejas, onde também — é triste dizê-lo! — Se encontram simpatizantes aguerridos da maior ruína de todos os séculos. Se se vestissem modestamente não dariam melhor prova de si e não arran-

[Continua na 3.ª página]

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

PELA VILA

Notícias da quinzena

Como andei de viagem vou escrever, à pressa umas breves notícias. Que os meus leitores, dispersos pelo mundo, me desculpem a imperfeição.

— No dia 7 do corrente entregou a alma a Deus o sr. João António Teixeira, sogro do nosso amigo sr. Emiliano Igrejas, prestimoso condutor de Praça. O finado tinha a boa idade de 77 anos.

— Também, no dia 9 faleceu o sr. José Augusto Migueis, vítima da pertinaz doença de que há muito vinha sofrendo e que infelizmente continua incurável, uma vez adiantada.

Ambos eram reformados, aquele da G. F. e este da Marinha. Que o seu destino tenha sido feliz: é o que mais importa. Esta vida é breve, como se vê.

— Por aqui passaram, a caminho da serra, dois ilustres professores do Seminário Conciliar de Braga, bem conhecidos em toda a Arquidiocese: o Rev. P. e Alberto Braz, o incomparável regente da «Schola Cantorum», que Melgaço tanto apreciou, e o Rev. P. e M. Rodrigues de Azevedo, Mestre de Cerimónias da Mitra, que o publico admirou no Pontifical do nosso inolvidável Congresso. Que eles vão maravilhados da nossa terra, cheia de belezas artísticas, são os nossos votos, e pelo que vimos e ouvimos já, parece-nos que andam satisfeitos. Poderá não! Se as maravilhas das alturas são o enlevo das almas grandes e bem formadas!

Eles vão fazer muita propaganda e então veremos uma pleiade formidável de nobres professores da minha cidade de Braga escolher esta Região para alívio dos espíritos cansados por todo um ano lectivo debruçado sobre os livros e sobre os alunos, quais deles os mais difíceis de perceber.

S. Paio, 8

Com grande concorrência de povo, realizou-se no pretérito dia 27, a festividade de S. André, sendo celebrante o rev. Firmo Gonçalves e acolitantes os párocos de Rouças e Parada. Foi pregador o último dos acolitos Abrihantou esta solenidade a banda dos B. V. de Melgaço.

— Faleceu, no passado dia 23, em Sante, o Sr. Lourenço Fontes, sobrinho do P. e Salgueira. Péramos a toda a família enlutada.

— Encontra-se um pouco indisposto o nosso zeloso pároco, P. e Manuel José Rodrigues. Oxalá que se restabeleça brevemente.

— De visita à sua extrema-tia, sr.ª Guilhermina Gonçalves, esteve no passado dia 27, no Pomal, a D. delaide Gonçalves, tia dos srs. Servando Gonçalves, estudante do Curso Superior de Santiago de Compostela, e da menina Rita Gonçalves, aluna da Escola Normal de Orense.

Desejamos-lhe boas-vindas.

— Realizou-se, no passado domingo, 4, a festinha de S. Paio, no pitoresco lugar do Cavaleiro Alvo. Atrilhou aquela festa a banda dos Milagres, concelho de Monção.—C.

Fiaes, 11

Com uma extraordinária concorrência de forasteiros, realizou-se, hoje, a tradicional festividade em honra de S. Bento.

Por ser domingo e o dia se apresentar formosíssimo afluência de todos os lados foi enorme.

A banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço abrilhantou a festa e nas cerimónias religiosas cantou um grupo escolhido de rapazes da freguesia.

O mosteiro esteve literalmente cheio, durante a Santa Missa, solene, e pregou o nosso conterrâneo P. e Júlio Vaz.

Assistiram, vindos de Braga, os rev. dos P. e Alberto Brás e Manuel Rodrigues de Azevedo.

Potentes alto falantes retransmitiram as cerimónias e, de tarde, música.

Com elevada classificação fez o primeiro ano da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra o nosso conterrâneo José Rodrigues.

Gave, 9

Declararam e desta freguesia a Braga, para assistirem às grandiosas festas Sanjoaninas, os srs. António Dias Monteiro e filho e o Rev. P. e Campos Lima.

— No dia 24 p. p. correu por toda a freguesia o triste e lastimoso boato que aparecera no Monte da Senhora do Alívio uma mulher morta. Com isto o povo curioso seguiu para o local. Nós, levados, também, pela mesma ansiedade, escramos o monte, porém, quando lá chegamos, já a tinham trazido para a casa do Sr. Justo no Domingues. A pobre mulher não estava morta; era a gota coral. Tendo recuperado os sentidos, disse que era uma pobre mendiga que vagueava por esse mundo de Cristo sem amparo de ninguém e tinha por Terra Mãe Vila Praia de Ancora.

— O tempo tem estado bastante quente, porém, há dias, vieram uns ventos bastante fortes que fizeram grandes estragos nos milherais prometendo.

— No pretérito dia 24 deu entrada no Hospital de S. Marcos da cidade de Braga o nosso amigo Américo Esteves, casado, de 29 anos de idade, por lhe ter caído uma pedra à cabeça da altura de 6 metros, quando trabalhava nas minas da Venda Nova. Todavia já vai melhor.

Já é o segundo desastre que acontece este ano nas mesmas minas com os rapazes desta terra.

— O Sr. Agricultor da Serra da Peneda acabou a plantação de batata no passado dia 30. O centeio não está grande coisa.

— Apesar de este ano o lobo ter sido várias vezes batido pelos povos por ele prejudicados, ainda aparece de quando em quando, mesmo de dia, nas proximidades da Aveleria, Mourim e S. António de Val de Polros.

— Já principiaram as tradicionais e alegres segadas do feno e do centeio. Este ano não atinge o ponto do anterior.

— Também já principiaram as cavadas de labor que são muito necessárias para a agricultura.—C.

LODUVINA MARTINS DENTISTA

Consultas em Melgaço na antiga Pensão Braga todas as Sextas e Sábados

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercarias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas—
A máxima seriedade nas suas transacções.

Rouças, 9

No passado dia 4, realizou-se, como est va anunciado, a linda festa do Cavaleiros. Houve novena que foi muito concorrida; no sábado, 3, toram muitos os que se abeiraram da sagrada mesa, a receber o pão dos anjos e à noite teve lugar a processão das velas, que foi também muito concorrida, saindo a imagem de Nossa Senhora das Dores. Ao recolher, o nosso pároco fez uma alocução perante o povo e aquela veneranda imagem

A festa do dia correu muito bem, com muita ordem, quer de manhã quer de tarde.

Veio muita gente e a nossa banda dos Bombeiros Voluntários apresentou novo elenco de peças que muito agradaram, estando novamente, sob a hábil direcção de mestre Morais, a retomar o brilho de há alguns anos.

Parabéns a todos os rapazes da Comissão que trabalharam muito, mas viram todos os seus esforços coroados de pleno êxito.

A capelinha encontrase muito melhorada no seu aspecto, pois foi sujeita a grandes reparações.

Foram bastantes os que contribuíram para este melhoramento e entre todos avulta o nosso amigo e saudoso ausente e assinante, José Joaquim Durães, que de França mandou 100\$00.

—Em Loviô faleceu a Maria Meleiro, depois de longo sofrimento, que sofreu com muita resignação. Era mãe do nosso amigo sr. Morgado, de Loviô, a quem por tal motivo apresentamos sentidas condolências.

—Também no lugar do Calvário acaba de succumbir para sempre a Sr.ª Germana, depois de alguns meses de sofrimento, também suportado com a maior resignação.

—Continuam as obras da igreja, que já vão adiantadas. O sr. Martins de Barros, benquista comerciante nesta freguesia, está a preparar tudo, para que a festa de este ano, de Santa Marinha, seja ainda de maior brilho que nos anos transactos.

O povo tem concorrido

(Continua na 3.ª página)

Costumes castrejos

(Verandas e Inverneiras)

Só quem vive de perto a vida deste povo e participa dos seus sentimentos e anseios, conhece o pacato desenrolar da existência nos contrafortes desta Serra Brava. Eu não quero gemer queixumes mais ou menos melancólicos, mas comunicar um pedacinho da alma deste povo, martirizada pelos contratempos da vida, e exposta sem amparo humano às fatalidades da sorte. A tranquilidade é o fundamento da paz. A estabilidade é parte integrante da felicidade humana. Se onde não há tranquilidade não há paz, logicamente se conclue que onde não há estabilidade também se não é integralmente feliz. Mas deixemos de dogmatizar leis de psicologia humana e vejamos o valor da luta pela vida.

É difícil viver onde quase tudo é desfavorável à vida. Castro Laboreiro trás consigo o bucolismo das montanhas e o misticismo da solidão. Aí se conservam algumas das virtudes que mais rutilam na fachada da alma lusa. Nesta terra de vida simples e simultaneamente enigmática, dá-se um dos fenómenos étnicos mais curiosos do nosso tempo. Verandas e Inverneiras são termos correlativos que por si explicam a vida e maneira de ser deste povo. Entre os leitores do nosso jornal alguns há que conhecem o mecanismo das *mudas*, a maior parte, porém, jamais experimentou a desconcertante sinfonia desta vida semi-nómada.

Perdoem-me os primeiros, pois vou dar uma pequena explicação aos segundos.

Um sem número de factores concorrem para explicar o estranho fenómeno das *mudas*. São as condições geográficas do terreno nitidamente dividido em duas partes pelo lugar central da freguesia um dos quatro que não estão sujeitos ao redopio do *air arriba e ir abaixo*. Nestes vive-se com tranquilidade perfeita, os habitantes são mais alegres, mais bem dispostos, e trazem estampado na fronte o rólulo da felicidade.

Pois bem, como ia dizendo até o clima e a constituição do terreno exigem esta divisão periódico-local da freguesia. Assim na parte norte estão situadas as Verandas; as Inverneiras estão ao sul. Dizia que a divisão é também periódica, pois duma maneira geral as Verandas são habitadas no Verão e as Inverneiras no Inverno. Sabem os estimados leitores que Castro Laboreiro produz essencialmente centeio e batata. Embora se não possa afirmar adequadamente, o centeio cultiva-se nas Verandas e a batata nas Inverneiras. Mas nestas ultimas devido à mimosidade do terreno cultiva-seq também milho, legumes e frutas.

Isto faz com que o povo sinta predilecção especial pelas Inverneiras. Só a canícula do Verão e o cultivo do centeio com que fazem o saboroso pão de castro os leva a abandonar as Inverneiras e ir até às Verandas respirar o mais puro ar da serra, e dilatar os pulmões em expansões de saúde e força. As neves frias de Janeiro calcinam por vezes as Verandas tornando-as inhóspitas. Carvalhos hirtos, de folhagem ana-alecida pela inelencência do tempo ficam em humilde súplica pedindo bonança e sol. Predomina então o belo-horrível da paisagem siberiana. É devido às terríveis condições de inverno e à angustiada aridez da estação calmosa que o povo se vê obrigado a procurar um pouco de bem estar.

Eis alguns dos factores que mais influência exercem na vida e na psicologia do povo.

Como acima fica dito as predilecções vão para as Inverneiras onde a paisagem é mais luxureante e amena. Os velhinhos já a dois passos do túmulo gostam de ficar nas Inverneiras, recordando os momentos mais felizes da vida.

Aí a brisa agita as folhas de variados e encantadores matizes. Ao contrário, nas Verandas a paisagem é de um matiz neutro e indefinido e só às vezes se respira o perfume balsâmico das brizas e se umedecem os lábios na torrente das águas frescas e puras.

No meio deste cenário avulta o grande Castelo de Laboreiro incitando no ânimo de todos o amor à terra. Airoosamente pode afirmar a quem passa aqui é Portugal! A sombra destes históricos muros viveram gerações e gerações que muito amaram a sua terra.

(CONTINUA)

ALBERTINO PEREIRA

Rouças

(Continuação da 2.ª página)

com as suas esmolas, para que esta festa corra com o maior brilho.

— Chegaram a esta freguesia, vindos do Porto, o nossos amigos sr.s Manuel Loureiro e sua gentil esposa, D. Joia, bem como o nosso presado assinante sr. António Rodrigues, dos Perses.

— Tem havido por aí muito trabalho com as águas, os milhos e os linhos. Os milhos estão uma beleza, mas o vinho («chuva na pruga, diminue até à cuba») ainda que esteja bonito diminuiu bastante.

Tem-se vendido a pipa a 800 e já há quem peça os 1 000\$00.

— No domingo, 4, foi baptizado um menino, filho do Sr. Gil, caseiro em Corcoães.

— Consta por aqui que alguns rapazes de freguesias vizinhas, que estavam a trabalhar em França, se prepararam para regressar, devido às dificuldades que ali os não compensa bastante do seu trabalho.

— As donas de casa estão já a pensar nos farneis para o dia de São Bento.

— Tem estado muito doente a Sr.ª Emilia Sancha, da Verdade.

«A VOZ DE MELGAÇO»

em Lisboa

Esteve há dias nesta cidade, onde veio tratar de assuntos de seu interesse, o nosso conterrâneo e assinante de «A Voz de Melgaço» sr. Manuel Augusto Cardoso, de Cristóval, que antes da sua partida não esqueceu os seus velhos amigos residentes nesta capital.

— Tem regressado à sua Pátria Mãe, muitos dos nossos conterrâneos, vindos do Brasil e de França.

A todos as boas vindas.

— Os melgacenses desta cidade falam, e corte grande boato, que a digníssima Câmara Municipal de Melgaço vai mandar construir um campo de bola para os desportistas melgacenses poderem mostrar a sua valentia aos concelhos vizinhos e a outros clubes de futebol.

Que Deus os ouça pois bem precisamos dele.

— Foi encontrado morto, no seu estabelecimento nesta cidade, suspeitando se de crime por apresentar ferimentos na garganta, o nosso conterrâneo sr. Francisco Assis Fernandes, de Covas. Os melgacenses desta capital, bem como «A Voz de Melgaço» apresentam à família enlutada os seus sentimentos pêsames.

G. A. C.

Superfluidade

(Continuação da 1.ª página)

riam tanta inocência ao puro lirio?!

E fossem somente as gentes remedadas!... Mas não. Muitas vezes os pobres que vivem um tanto oprimidos pela triste e miserável situação, vendo aqueles que, embora podem, andam desregrados, chegam a cometer crimes horrendos e deshumanos. E para quê isto tudo? Para ombrear com os ricos e remediados que, beneficiados por Deus, se en- gollam num mar de desventura e podridão, che- gando mesmo a reclamar sobre si a ira do Céu.

Lançados assim em trevas infernais onde a vista e todo o ser é fulminado por um raio de cólera sobrenatural, o homem já não tem vontade decidida para se levantar da crise

que o arrastará à completa e desastrosa ruina, se ele não fizer uma Campanha intrínfica em prol do bemestar da Humanidade.

Vamos, deixemos esses ornatos e enfeites ou como de facto não acontece, que nos vejamos ante um inimigo e grande raptador de almas criadas somente para um único fim, porque já em tempos longínquos os Fenícios, Sirios, Persas, Romanos, Gregos e Cartagineses foram vítimas de tal ruína que levou à desvalorização e completa perdição.

Apareceria, todavia, com estes povos?

Parece-me que não, pois, se nos deprendermos de algum tempo e começar mos folheando, atentamente, os primeiros documentos escritos, notaremos que eles, falando-nos

(Continua na 4.ª página)

Uma homenagem

No passado dia dois, a freguesia de Rouças, por intermédio do seu pároco, Junta da freguesia e Regedor, prestou sentida homenagem à sr.ª Professora D. Maria Fernanda Pinto Coelho Durães, por motivo da sua transferência para Prado. Na escola masculina, com a assistência do sr. Dr. João Durães e dos seminaristas desta freguesia, educados pela sr.ª D. Maria Fernanda nas primeiras letras e de todos os actuais alunos realizou-se uma simples, mas tocante homenagem.

José Alberto de Sousa, aluno do 3.º ano dos Seminários de Braga, agradeceu, pelos seminaristas mais novos, o trabalho e carinho, com que sempre os distinguuiu, lamentando a sua ida para Prado, o que para esta freguesia de Rouças era uma grande perda.

António Lourenço, outro aluno distinto do Seminário sauda a sr.ª Professora e lembra que, se em Braga os alunos de D. Maria Fernanda vão à frente nas classificações, o devem ao trabalho de preparação que nesta escola, e com a senhora Professora tiveram.

O Sr. Abade da freguesia, em nome de todo o povo e das criancinhas, sauda a senhora Professora e lamenta que mantivesse o seu pedido de transferência para a escola de Prado.

A escola masculina já há alguns anos que não podia comportar tantos alunos que para ali iam pressurosos. Nunca aluno algum de Rouças fora, mal sucedido nos seus exames, sendo verdade que todos os anos eram muitos os que àquela prova se sujeitavam.

Professora de grandes convicções religiosas, a obra de educação deve a Sua Ex.ª um trabalho que difficilmente será superado nesta freguesia. Como pároco, nunca podia esquecer essa obra, que foi permanente e foi grande.

Toda a freguesia sente que a sr.ª Professora parta e lembra o muito que lhe deve.

A sr.ª D. Maria Fernanda agradece aquela homenagem que a sensibilizou profundamente, recorda aos seminaristas, seus antigos alunos, o gosto que sentiria, quando um dia os visse no altar, junto de Deus. Lembra às criancinhas ali presentes que devem ter amor ao trabalho e ao estudo e afirma que sempre cumprirá o seu dever, mas que partia com muito saudade da freguesia.

Rouças perdeu uma grande educadora!

Gostosamente «A Voz de Melgaço» se associa a esta homenagem da freguesia de Rouças à sua Professora sr.ª D. Maria Fernanda Pinto Coelho Durães e faz votos por que as Causas sagradas de Deus e da Pátria continuem a merecer a Sua Ex.ª o mesmo trabalho e a mesma ardorosa pa'ção.

Congresso Eucarístico Superfluidade Do alto do Pernidelo

(Continuação da 1.ª página)

como irmãos, de corações colados, enlaçados pela caridade e pela justiça.

Um novo Pentecostes mais largo e generoso que o do Cenáculo. A efusão universal das luzes do Espírito Santo, profetizada no evangelho de S. João.

Visão? Sonho? Quimera? Tudo isso hoje e amanhã uma realidade. Os homens estão cansados de pecar e de sofrer. As legiões dos transviados vêm o terreno que pizam, inundado de sangue e lágrimas, a afundar-se de cada vez mais em abismos assustadores.

Os castigos tem sido duríssimos e as tormentas muito pesadas. Foram os últimos avisos de Deus. Ou cristianismo, ou morte.

Ou o mundo volta ao cristianismo integral, que é a Igreja Católica, ou sucumbe num mar de ignomínias e torpezas. Cristo redemiu-nos, com a cruz. A humanidade encontra de novo o seu resgate na dor.

A tempestade que devasta e assola tem também a vantagem de desanuviar o céu e fertilizar os campos. Nas terras revolvidas e calcinadas pelo fogo da guerra já se vêm desabrochar as flores da esperança cristã. Os homens cansados, desiludidos, macerados por tantas quimeras e flores, estão a sentir a necessidade de se reencontrarem nos braços do bom pai, como na parábola do Evangelho. Já se ouvem pelo Mundo fóra os cânticos jubilosos dos convertidos. Almas, muitas almas, que se lançam avidamente na luz de ouro, como único salvação. É a aurora desse novo dia que há-de surgir, refulgente de beleza e felicidade. A humanidade que deixa os caminhos errados por onde tem andado de abismo em abismo, sempre inquieta e torturada, para repousar enfim no goso perene da alegria e da paz.

Artur d'Almeida

Não podemos continuar assim!!

(Continuação da 1.ª página)

— Já se tentaram todos os métodos de melhor fabrico de vinhos, desde a semente, ao trabalho, à preparação e conservação?

— Já se estudaram todos os possíveis mercados de consumo de vinhos nacionais, coloniais e estrangeiros e os meios de transporte fácil, apropriado, rápido e económico?

— Quando havemos de deixar de assistir a este vergonhoso espectáculo de bebermos nos hotéis e pensões de várias cidades, o nosso vinho verde caríssimo, quando láqui, das nossas adegas, saiu barato?

— Quando havemos de deixar, de assistir a estas altas e baixas de vinho, tão desgraçadas, de ano para ano, tendo de vir o tempo duro e inclemente a ajudarnos a esvasiar as nossas adegas?

O problema do milho, do vinho e de todos os produtos agrícolas tem de ser estudado e resolvido. Ac salário mínimo das fábricas para vida digna do trabalhador há-de corresponder o preço mínimo dos nossos géneros agrícolas.

Estão a subir os salários dos nossos trabalhadores rurais.

Mais uma razão para que decedidamente enfrentemos o grande problema agrário.

O comércio, sobretudo o pequeno comércio das nossas vilas e aldeias, os nossos artistas, os nossos operários, sofrerão rudemente, enquanto nós os lavradores não virmos o nosso problema resolvido.

— Nós é que the vamos dar a grande ajuda! Nós os lavradores!

URGE ATACA-LO, SEM MEDO E SEM DEMORA.

Nós que vimos tantos problemas nacionais insolúveis, hoje em vigorosa e feliz realidade, a Exposição das Obras Publicas de Lisboa disse é o alto testemunho, nós que vimos um exército modernizado, uma industria que se renova, e essa maravilhosa realidade da Assistência Nacional, e tantas coisas novas no Paiz, nós ainda confiamos.

MAS A LAVOURA ESTÁ DOENTE.

(Continuação da 3.ª página)

verdadeiramente, registam factos históricos provenientes dessa terrível calamidade. Sendo assim, verificamos que isso vem dos tempos mais remotos, pois já no Antigo Testamento os povos foram suplantados, excepto Noé, pela água que submergiu o mundo de lé a lé. E se nos deslocamos para a génese da Humanidade? Depararemos sempre com o mesmo.

Como des, porque somos seus filhos, nós vemos atacados por este espírito supérfluo—o luso—que, tomando as rédeas carboníferas do infundo exército infernal arranja, logo, adeptos inconscientes, sequases de suas falsas e escandalosas pisadas; primeiro sonateiras e imperceptíveis; depois, precipites e capazes de fazer tremer a terra nos seus próprios eixos. Com efeito, uma vez bem enraizada e viciosa principia a tecer sua teia nos corações insensatos, cilada onde cairão os que se mostram pacíficos e temerosos. Não deixa escapar ninguém, contudo o sexo feminino é o que mais sofre, sempre mais vaidoso que o masculino. (Costuma dizer-se que a carapuça é para quem serve). E' com esses ornatos supérfluos que o sexo feminino desperdiça a maioria do tempo, para não dizermos todo, tempo de grande necessidade para uma mulher que se destina a ser esposa, dona de casa e mãe ou que já o é.

Que provém daí? Notar-se, por vezes, e muitas... e filhos sem ou com deficiente educação, lares sem paz, inocência perdida pela mão desordeira: uma geração em plena decadência, para não nos atrevermos a dizer em pleno abismo, lagoa de água fétida e estagnada.

Os pais, ó quantas vezes! em vez de empregarem o tempo passageiro na educação de seus filhos abusam dele, ocupando-o nos enfeitos e adornos que, embora pensem ficar bem aos olhos daqueles que os admiram, ficam mal colocados; e, deste modo, perfluos que, estando no século do progresso e da ciência, não podemos permanecer mais tempo mergulhados no abismo vanguardioso...

Sejam prudentes... A hora é oportuna!

Vamos!

L. Barreiros

Esclarecendo

Em 1 de Julho publicou «A Voz de Melgaço» uma carta do sr. Armando Mota Solheiro a pôr os pontos nos pés a uma passagem do meu artigo de 15 de Junho.

No final diz o sr. Armando M. Solheiro que há assuntos, assim como instrumentos, que só lhes deve mecher quem nêles saiba tocar.

Longe de me melindrar estou plenamente de acordo, mas como em Melgaço os bons músicos que rompem as caixas pelos conservatórios se retraem a mimosear-nos com bons trechos de seus reportórios, temos de nos contentar muitas vezes com as pobres melodias dos músicos de ouvido ou de aldeia.

Nada mais agradável para o publico do que no final de uma exhibição destes músicos modestos ver chegar um entendido e arrancar dos instrumentos expressões de arte e sublime harmonia.

Longe de me melindrar, repito, estou satisfeito por ter mexido em um instrumento que não soube devidamente manejar mas que mostrou ser bem afinado metido em mãos fidalgas.

Estou grato ao sr. Armando Mota Solheiro por que diz «ter a certeza que, por parte de Mário, não há intuito de atingir a memória de meu pai», aquele homem que mais admiro ao lado do grande melgacense que foi o Comendador Gomes de Abreu.

Quanto ao assunto é que não será completo o desconhecimento, embora da minha parte tenha havido defeito de redacção que atraçou o que me ia na ideia.

Os pobres músicos da aldeia, que muito aprendem de ouvido, nem sempre conhecem as notas e anotações para dar a verdadeira expressão que a harmonia exige, mas vão tocando quando o não fazem os entendidos, os grandes...

Eu sabia e sei muito bem que estava já saldado o empréstimo contraído pelo falecido Hermenegildo J. Solheiro, mas queria fazer alusão a outros posteriores.

Por outras palavras: eu quiz dar a entender que não sou partidário do recurso a empréstimos com o fim de realizar certas obras, sobretudo quando as mesmas não derem rendimentos que cubram os juros do capital que se pediu.

Quanto à memória do sempre chorado Hermenegildo Solheiro, somos daqueles que a veneram e respeitam, e não desconhecem por completo as intrigas com que se procurou entravar a sua benéfica administração.

E' que não faltaram derrotistas, piadistas, maldizentes do local escolhido para a construção dos Pacos do Canelho e até quem andasse pelas aldeias a colher assinaturas para pedir a sua exoneração.

Ainda bem que o grande homem de Melgaço soube fechar os olhos a tudo isso e nas estancias superiores já mandava outra gente...

Peço, pois, desculpa ao sr. Armando Solheiro de ter involuntariamente dado motivo a que pudesse ser posta em duvida a memória de seu saudoso pai, agradeço toda a clareza com que versou o assunto por mim deficientemente exposto e muito gostaria de ler novas cartas suas a falar-nos das coisas da nossa terra.

MA'RIO

Allô... Allô Melgaço!..

— Lisboa, daqui Lisboa. Seguiram para as nossas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique mais 230 colonos e suas famílias.

— A C. P. encomendou 60 carruagens novas, muito cómodas e muito bonitas. Já chegou a primeira, que foi muito apreciada e todos os meses entrarão no nosso país 4, até perfazer o número de 50.

— Allô... Allô... Melgaço. Daqui Madrid. Sabe-se com grande espanto e horror que mais de metade dos nossos filhos que

foram roubados para a Rússia, quando da guerra civil, morreram vítimas da tuberculose.

Que será das nossas filhas, que ainda ali se encontram?

— Atenção, Melgaço. Daqui Bagotá. Alguns jornais fazem-se eco de que se encontra na Colúmbia, usando barba e dispostos de um Estado Maior o famoso Hitler, que foi o «Führer» da Alemanha...

— Daqui Xangai, China. Foram cerca de 700.000 os mortos e dez mil casas, destruídas, com as fundações do rio Fu Xeu. Simplemente um horror!

A cidade encontra-se agora optimamente servida com os novos auto-carros, que ligam a cidade às freguesias vizinhas.